

Manoel Soares Duarte de Oliveira

POR MINHA LETRA E SINAL

Série Diachronica 4

Coordenação da Série Diachronica
Segismundo Spina
Heitor Megale
Oswaldo Humberto Leonardi Ceschin
Sílvio de Almeida Toledo Neto

Os organizadores deste livro agradecem ao Arquivo Histórico Dr. Félix Guisard Filho, de Taubaté, na pessoa de seu diretor, Prof. Fred Humbert Reis Savino, e de sua paleógrafa, Lia Carolina Prado Alves Mariotto, e ao Arquivo Metropolitano Dom Duarte Leopoldo e Silva, da Arquidiocese de São Paulo, na pessoa de seu diretor, Jair Mongelli Jr., e de seu secretário, Prof. Roberto Júlio Gava, a autorização para publicar os documentos neles pesquisados, bem como a gentileza com que nos receberam, e aos colegas da equipe, a cada vez que lá estivemos.

VOLUME 1: *Carta de Caminha* – César Nardelli Cambraia, Antônio Geraldo da Cunha, Heitor Megale (Humanitas Publicações FFLCH-USP)

VOLUME 2: *E os Preços Eram Commodos* – Rosane de Andrade Berlinck, Marymarcia Guedes (Humanitas Publicações FFLCH-USP)

VOLUME 3: *Cartas Baianas Setecentistas* – Tânia Lobo (org.), Permínio Souza Ferreira, Uilton Gonçalves, Klebson Oliveira (Humanitas Publicações FFLCH-USP)

Sumário

<i>Apresentação</i>	9
Heitor Megale e Sílvio de Almeida Toledo Neto	
Capítulo I – Lição Modernizada	15
Heitor Megale e Sílvio de Almeida Toledo Neto	
Capítulo II – A Escrita no Século XVII	113
Erica Cristina C. de Souza, Heitor Megale e Sílvio de Almeida Toledo Neto	
Capítulo III – Descrição de Documentos	127
Erica Cristina C. de Souza, Heitor Megale e Sílvio de Almeida Toledo Neto	
Capítulo IV – Normas para Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português do Brasil.....	145
César Nardelli Cambraia, Gilvan Müller de Oliveira, Heitor Megale, Marcelo Modolo, Permínio Souza Ferreira, Sílvio de Almeida Toledo Neto, Tânia Lobo e Valdemir Klamt	
Capítulo V – Lição Justalinear de Fólios Escolhidos	149
Capítulo VI – Lição Semidiplomática	221
Heitor Megale, Sílvio de Almeida Toledo Neto, Erica Cristina Camarotto de Souza, Lia Carolina do Prado Alves Mariotto, Rita Aparecida Rodrigues, César Nardelli Cambraia e Mirta Groppi	
<i>Índice de Frequência e de Ocorrência dos Vocábulos</i>	327
Andréa Hitos Ferreira, Cláudia Damião Lopes de Almeida Silveira, Elisabete Massami Nishi, Erica Cristina Camarotto de Souza, Heitor Megale, Ieda Ma-	

O visto é lançado do punho do próprio juiz de órfãos, a julgar por sua assinatura, repetindo-se o mesmo com o visitador, bem como com o promotor.

BREVE DESCRIÇÃO DO TESTAMENTO DE BARTOLOMEU DA CUNHA GAGO

O testamento de Bartolomeu da Cunha Gago encontra-se no Arquivo Histórico Municipal de Taubaté, caixa n. 2, documento n. 28. Foi escrito, de próprio punho, por Bartolomeu da Cunha Gago e exarado na segunda metade do século XVII, no ano de 1685. Os fólhos, hoje parcialmente corroídos, são de papel e medem 32,0cm. de altura por 25,0cm. de largura. Compõe-se o testamento de quatro fólhos e encontra-se acostado ao inventário de Bartolomeu da Cunha Gago. O documento manuscrito distribui-se por dois cadernos, in-fólhos, formados a partir de uma única dobra central, o que se identifica pela posição vertical dos pontusais e pela filigrana, que se situa no centro do fólho. São dois bifólhos independentes, cosidos entre si e ao corpo do processo. Para a ordenação do corpo do manuscrito, utiliza-se a numeração dos fólhos, indicada no recto, em cifras arábicas. No testamento, há duas numerações, uma provavelmente contemporânea ao texto e a outra posterior. Quanto à composição da página, não há pauta, somente uma margem à esquerda de quem lê (c. 3,0cm.), onde se encontram, geralmente, números subdivisores de partes do texto, e uma margem na cabeça da página (c. 3,0cm); a mancha de texto segue, sem restrição, até o lado direito e até o pé da página. O testamento e o inventário encontram-se encadernados com uma folha de papel pardo, dobrada ao meio, sem que esteja cosida ao miolo do documento. Além dos dados da ficha de identificação, há na capa do manuscrito o nome Bartolomeu da Cunha Gago, escrito com tinta azul, e mais acima, outro punho escreve, novamente com tinta azul, Bartolomeu da Cunha Gago 1685; do lado esquerdo de quem lê, há o número 50, em azul. A tinta utilizada no manuscrito é negra e não perdeu a intensidade na maior parte do texto. Quanto à letra utilizada na redação do testamento, pode-se caracterizá-la como humanística corrente.

O autor do documento, que o escreveu de próprio punho, é Bartolomeu da Cunha Gago. Nasceu em São Paulo e transferiu-se para Taubaté no segundo quartel do século XVII, a partir de quando participa de entradas, restritas ao vale do Paraíba, juntamente com o sogro, João Portes del Rei. Em 1674, é escolhido para capitão-mor de vanguarda da bandeira de Fernão Dias Pais; parte, no mesmo ano, para os sertões dos Cataguás, em busca das terras de Sabaraboçu. Durante a expedição, terá sido um dos primeiros a encontrar ouro, por volta de 1680. Foi casado com Maria Portes del Rei, filha do capitão João Portes del Rei e de Juliana Antunes. Faleceu e foi inventariado em Taubaté, em 1685 (Ortiz, 1988:146).

CAPÍTULO IV

Normas para Transcrição de Documentos
Manuscritos para a História do Português do Brasil

No Segundo Seminário para a História do Português do Brasil, realizado em Campos do Jordão, no período de 10 a 16 de maio de 1998, a Comissão de elaboração de Normas para transcrição de documentos manuscritos para a História do Português do Brasil, formada pelos seguintes pesquisadores: César Nardelli Cambraia (USP), Gilvan Müller de Oliveira (UFSC), Heitor Megale (USP), Marcelo Modolo (mestrando, USP), Permínio Souza Ferreira (UFBA), Sílvio de Almeida Toledo Neto (USP), Tânia C. Freire Lobo (UFBA), Valdemir Klamt (UFSC), apresentou subsídios para a fixação de normas e, após ampla discussão sobre a matéria, levou a plenário um elenco de normas, tendo sido aprovado o texto que a Série Diachronica segue em suas publicações.

Tais normas são as seguintes:

1. A transcrição será conservadora.
2. As abreviaturas, alfabéticas ou não, serão desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas na abreviatura, obedecendo os seguintes critérios:
 - a) respeitar, sempre que possível, a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiosincrasias ortográficas do escriba, como no caso da ocorrência “munto”, que leva a abreviatura m.^{to} a ser transcrita “munto”;
 - b) no caso de variação no próprio manuscrito ou em coetâneos, a opção será para a forma atual ou mais próxima da atual, como no caso de ocorrências “Deos” e “Deus”, que levam a abreviatura D.^s a ser transcrita “Deus”.
3. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplos: epor ser; aellas; daPiedade; omninino; dosertaõ; mostrandoselhe; achandose; seseque.
4. A pontuação original será rigorosamente mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escriba, será marcado: [espaço]. Exemplo: que podem perjudicar. [espaço] Osdias passãõ eninguem comparece.
5. A acentuação original será rigorosamente mantida, não se permitindo qualquer alteração. Exemplos: aRepublica; docommercio; edemarcando tambem lugar; Rey D. Jose; oRio Pirahý; oexercicio; hé m.^{to} conveniente.

6. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.
7. Eventuais erros do escriba ou do copista serão remetidos para nota de rodapé, onde se deixará registrada a lição por sua respectiva correção. Exemplo: nota 1. Pirassocunda por Pirassonunga; nota 2. deligoncia por deligencia; nota 3. adverdinto por advertindo.
8. Inserções do escriba ou do copista na entrelinha ou nas margens superior, laterais ou inferior entram na edição entre os sinais < >, na localização indicada. Exemplo: <fica definido que olugar convencionado é acasa dePedro nolargo damatriz>.
9. Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no original serão tachadas. Exemplo: todos ~~ninguem~~ dos presentes assignarom; sahiram ~~sahiram~~ aspressas para oadro. No caso de repetição que o escriba ou o copista não suprimiu, passa a ser suprimida pelo editor que a coloca entre colchetes duplos. Exemplo: fugi[[gi]]ram correndo [[correndo]] emdireção opaço.
10. Intervenções de terceiros no documento original, devem aparecer no final do documento informando-se a localização.
11. Intervenções do editor hão de ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem a dúvida. Quando ocorrerem devem vir entre colchetes. Exemplo: não deixe passar neste [registo] de Areas.
12. Letra ou palavra não legível por deterioração justificam intervenção do editor na forma do item anterior, com a indicação entre colchetes [ilegível].
13. Trecho de maior extensão não legível por deterioração receberá a indicação [corroídas + ou - 5 linhas]. Se for o caso de trecho riscado ou inteiramente anulado por borrão ou papel colado em cima, será registrada a informação pertinente entre colchetes e sublinhada.
14. A divisão das linhas do documento original será preservada, ao longo do texto, na edição, pela marca de uma barra vertical | entre as linhas. A mudança de fôlio receberá a marcação com o respectivo número na seqüência de duas barras verticais: ||1v.|| ||2r.|| ||2v.|| ||3r.||.
15. Na edição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta. Essa numeração será encontrada à margem direita da mancha, à esquerda do leitor. Será feita de maneira contínua por documento.
16. As assinaturas simples ou as rubricas do punho de quem assina serão sublinhadas. Os sinais públicos serão indicados entre colchetes. Exemplos: assinatura simples: Bernardo Jose de Lorena; sinal público: [Bernardo Jose de Lorena].